

## **A função estética da imaginação narrativa e das emoções em Martha Nussbaum e Paul Ricoeur**

Na era da globalização e da sociedade da informação global, vivemos sob a influência dos media e do digital, com o risco de uma perda de sentido da ação numa atualidade sem consistência real, embora esta civilização também amplie nosso campo de conhecimento (Manuel Castells). Mas, ao mesmo tempo, a nossa relação com o mundo continua ainda e sempre através da relação que temos com obras de arte literárias. A literatura como arte exige uma reflexão ética e inscrevemos precisamente esta comunicação numa abordagem filosófica para pensar de que forma a literatura se faz filosofia, tanto crítica como enquanto afirmação da vida, fazendo-nos entrar num mundo imaginário e emocional que molda moralmente o ser humano e o cidadão na vida pública e no bem comum.

Com efeito, nas narrativas literárias, a racionalidade circula por meio de um exercício de narração, através da imaginação e de uma aptidão para a empatia que molda a nossa percepção do mundo, bem como o modo de sentir e julgar o que é belo ou feio, justo ou injusto, um todo que desempenha um papel importante na estruturação do campo do debate público. É nesse sentido que tentaremos demonstrar a contribuição da filósofa norte-americana Martha Nussbaum, particularmente a partir da perspectiva privilegiada que ela dá à articulação das emoções privadas e públicas implementadas pela literatura. Perspetiva essa que colocaremos em diálogo com o filósofo francês Paul Ricoeur que, como Nussbaum, pensa que os contos narrativos enriquecem o olhar sobre a vida humana. É certo que Nussbaum e Ricoeur não escreveram uma teoria estética enquanto tal, no entanto, as suas análises sobre a metáfora, a imaginação, a ideia poética ou até mesmo o símbolo constituem uma porta de entrada para abordar questões estéticas.

Pode a arte literária ser o vetor de um conhecimento das emoções privadas e públicas? Que influência as narrativas literárias podem ter na ética contemporânea?

O objetivo da nossa reflexão é de examinar a contribuição das narrativas literárias para a filosofia moral e a estética através do diálogo entre Nussbaum e Ricoeur, os quais entendem que o imaginário na literatura produz um “livre jogo de possibilidades” e novas formas de estar no mundo, ocasionando um espaço onde são geradas representações que inspiram criações fundamentais para a existência humana. Começaremos por avaliar a contribuição filosófica de Nussbaum relativamente ao alcance moral das narrativas literárias, para medir a relevância da estética para as emoções, discutindo a interpretação dos autores que ela mobiliza, e confrontaremos depois as suas análises com um entendimento alternativo, que é o da estética hermenêutica proposta por Paul Ricoeur.

Para compreender o projeto de Nussbaum, começaremos por analisar *The Fragility of Goodness* (1996), onde a filósofa coloca em diálogo autores trágicos e filósofos gregos da Antiguidade, através de uma reflexão sobre a tragédia e a fragilidade humana e onde defende a posição de Aristóteles contra Platão, mostrando assim que a boa deliberação moral é acima de tudo a do “discernimento da percepção”. Uma sabedoria prática que pode ser cultivada pela presença da literatura, já que as “emoções são modos de ver, de reconhecer”, como podemos ler em *Love’s Knowledge – Essays on Philosophy and Literature* (1991), obra que reúne uma série de artigos que exploram a contribuição da literatura para a filosofia moral através de leituras sobre Proust, James, Beckett, Steerforth, e onde Nussbaum defende o uso da literatura em filosofia (segundo ela, a crítica literária perdeu-se errante nos formalismos e acabou por esquecer-se do conteúdo moral das obras de ficção). Assim, a perspetiva nussbaumiana convida-nos a refletir sobre a imaginação das narrativas literárias e, particularmente, sobre o modo como as obras literárias representam, exprimem e comunicam as emoções. De fato, a

arte romanesca atesta os possíveis usos éticos da empatia na ficção, torna-se um espaço de reflexividade a partir do qual novos modelos de subjetividade emergem para o leitor. Um processo que molda moralmente as relações coletivas no espaço público, como podemos ver em *Poetic Justice. Literary Imagination and the Public Life* (1995), obra que também usa a literatura como fonte de reflexão para articular a vida privada e a vida pública, principalmente porque os objetivos da literatura são dois: a formação do juízo moral e a formação do indivíduo para a cidadania democrática. Nussbaum argumenta uma racionalidade prática pensada com base num modelo aristotélico da vida boa: uma racionalidade que passa pelo uso da narração, da imagem, das capacidades de imaginação e de percepção, de empatia, tal como são postas em prática pela literatura. A narrativa literária torna-se o modo de participar noutras vidas diferentes e sentir a exigência ética, sob a forma de uma racionalidade baseada em situações humanas específicas. Assim, para promover uma sociedade justa, é necessário desenvolver uma educação de sentimentos enfatizando as emoções democráticas e dando particular atenção à vulnerabilidade do ser humano.

A questão da articulação do espaço privado e do público diz respeito ao tipo de discurso e o trabalho de Ricœur parece fértil a esse respeito para pensar a criação literária: o filósofo mostra que a ‘*mise en intrigue*’ (participação no enredo) e a imaginação narrativa desempenham um papel essencial tanto a nível individual, como intersubjetivo e social (*Du texte à l’action, Essai d’herméneutique II*, 1986) e trazem à luz a subjetividade humana e a especificidade poético-prática do eu (*soi*) de qualquer sujeito atuante. Nestas condições, ocorre uma reconfiguração do ato de agir onde a poética da linguagem (*La métaphore vive*, 1975) e a *mimèsis* produzem conexões e dão sentido temporal às ações humanas (*Temps et récit*, 1983-85). Uma estética hermenêutica, que revela que a dialética entre *mêmeté* e *ipséité* procura traçar o caminho da identidade narrativa e da ética (*Soi-même comme un autre*, 1990).

**Palavras-chave :** estética - ética - literatura - emoções - imaginação

## BIBLIOGRAFIA :

- Aristote, *Poétique*, trad. J. Hardy, Les Belles Lettres, 1999.  
 Adorno, T. W., *Notes sur la littérature*, Paris, Klincksieck, 1989.  
 Collot, M., *La matière-émotion*, Paris, PUF, 1997.  
 Eco, U. *L’Œuvre ouverte*, Paris, Seuil, 1965.  
 Jauss, H. R., *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Gallimard, 1978.  
 Macherey, P., *À quoi pense la littérature ?*, Paris, PUF, 1990 (Réed. *Philosopher avec la littérature, Exercices de philosophie littéraire*, Paris, Hermann Éditeur, 2013).  
 Pavel, T., *La Pensée du roman*, Paris, Gallimard, 2003.  
 Laugier, S., (dir.), *Éthique, littérature, vie humaine*, Paris, PUF, 2006.  
 Nussbaum M., *The Fragility of Goodness: Luck and Ethics in Greek Tragedy and Philosophy*, Cambridge, Cambridge University Press, 1986.  
 - *Love’s Knowledge – Essays on Philosophy and Literature*, Oxford University Press, 1991.  
 - *Poetic Justice. Literary Imagination and the Public Life*, Boston, Beacon Press, 1995.  
 Ricœur, P., *La Métaphore vive*, Paris, Seuil, 1975.  
 - *Temps et Récit*, 3 vol, Paris, Seuil, 1983-85.  
 - *Du texte à l’action, Essais d’herméneutique II*, Paris, Seuil, 1986.  
 - *Soi-même comme un autre*, Paris, Seuil, 1990.  
 Platon, *La République*, trad. L. Robin, *Œuvres complètes*, tome 1, Paris, Gallimard, « Pléiade », 1940.